

O Cavalo Verde

CAUSOS gaúchos e relatos interioranos.

Luiz Coronel, poeta ilustre, soube iluminar o cotidiano dos rincões rio-grandenses com as luzes e emoções de seus poemas. Agora, aparece o livro de causos sob a denominação de O CAVALO VERDE.

O livro envolve narrativas de três espécies.

a. Causos:

O causo ganha a carreira, domina o livro.

b. Simples apanhados de linguajar campeiro ou interiorano:

A defesa do linguajar rústico e popular é ostensiva.

Neste sentido há um postar-se contrário à massificação vocabular televisiva.

c. Anedotas referenciais ao gaúcho:

Quanto às anedotas, não foram desprezadas, antes entendidas como considerável acervo.

Se a maioria dos relatos for inédita ao leitor, estarei grato.

Se algumas histórias se repetem, apenas mudam de roupa, aceite-as.

As uvas não perdem o sabor por serem umas iguais às outras em seu cacho.

Aspectos da sintaxe de pre- e posposições em línguas românicas e germânicas

Heloisa Maria Moreira Lima Salles**

Resumo: O estudo examina a sintaxe de pre- e posposições em línguas românicas e germânicas, considerando a variação translingüística quanto ao fenômeno da preposição órfã na extração do sintagma interrogativo. Propõe-se que a variação se deve a propriedades formais de núcleos funcionais, em particular o traço EPP na projeção estendida do sintagma preposicional.

Palavras-chave: Preposições/posposições, Traços formais, Caso, Contração preposição+artigo.

Abstract: The present study examines the syntax of pre- and postpositions in Romance and Germanic languages, considering the crosslinguistic variation in the phenomenon of preposition-stranding. It is proposed that crosslinguistic variation is due to formal properties of functional heads, in particular the feature EPP on the extended projection of the prepositional phrase.

Key words: Preposition/postposition, Formal features, Case, preposition+article coalescence.

1 Introdução

As preposições têm recebido diferentes tratamentos teóricos na literatura gramatical. Remontando-se à abordagem tradicional e estruturalista, são analisadas como uma categoria gramatical (em

* Uma parte da análise apresentada neste artigo é resultado de minha tese de doutorado. Por essa razão, gostaria de agradecer a meu orientador Ian Roberts, pelas discussões e pelo apoio, bem como a Joseph Emonds e Bob Borsley, membros do comitê que examinou o trabalho, pelos valiosos comentários. Agradeço a Anna Roussou pela leitura de diferentes versões da análise e pelas discussões, e também à audiência da Reunião Anual da ANPOLL 2000, pelas observações.

** UnB.

oposição a lexical) com função relacional ou conectiva. No âmbito da literatura gerativa, o caráter gramatical das preposições é inicialmente formulado em termos da idéia de que realizam traços do verbo ou do nome, sendo inseridas no nível da estrutura superficial da derivação. Mais recentemente, postula-se que assumem papel ora lexical, ora gramatical, o que se determina em termos de propriedades de seleção argumental e de Caso, respectivamente.

A abordagem que contrasta o caráter lexical e gramatical tem a vantagem de captar o fato de que, por um lado, as preposições podem ser núcleos de predicados, selecionando argumentos e apresentando projeção sintagmática semelhante à de outras categorias lexicais, como nomes e verbos; por outro lado, podem ter propriedades essencialmente gramaticais (não apresentando seleção argumental), sendo encontradas em contextos sintáticos fixos, como no caso das preposições introdutoras de complementos nominais, referidas na literatura gerativa como realizadoras de Caso (cf. Chomsky 1986). Essa abordagem permite ainda discutir a ambigüidade de construções como *João decidiu sobre o barco* (traduzida do inglês *John decided on the boat*, notada em Chomsky 1965), em que o sintagma preposicional pode ser um objeto preposicional ou um adjunto. Enquanto no último caso a preposição assume papel de núcleo lexical, selecionando semanticamente o argumento *o barco/the boat*, no primeiro caso, o argumento é selecionado pelo verbo (possivelmente em uma relação lexical composicional com a preposição, cf. Jackendoff 1990; Salles 1992).

A distinção entre propriedades gramaticais e lexicais das preposições se torna, porém, irrelevante quando se trata de analisar o licenciamento do sintagma na posição de complemento. No interior do sintagma preposicional, emergem contrastes translingüísticos, como o carreamento (ou não) da preposição em contextos de extração de sintagma interrogativo, referido na literatura como *preposition pied-piping vs. preposition stranding*, que se manifesta independentemente do papel lexical ou gramatical da preposição.

No presente estudo, serão discutidos alguns aspectos da sintaxe de pre- e posposições em línguas românicas e germânicas, considerados em relação ao fenômeno da extração do sintagma interrogativo na posição de complemento da preposição.¹ Com-

¹ Embora o estudo discuta aspectos da sintaxe de pre- e posposições, sempre que não for relevante o contraste, será utilizado o termo *preposição*, em referência à categoria tomada em termos gerais, equivalendo, portanto, ao termo *adposição*, que prefiro não adotar, por ser menos usual.

forme será demonstrado, as restrições à extração do sintagma interrogativo podem ser explicadas em termos de operações do sistema computacional (C_{HL}) que licenciam traços formais (cf. Chomsky 2001).

Em particular, considera-se que a variação translingüística com relação à possibilidade de carrear (ou não) a preposição se deve à presença, no sintagma preposicional, de traços formais cujas propriedades são satisfeitas tanto pela criação de uma posição de especificador por movimento de sintagma pleno, quanto por movimento de núcleo: línguas como o alemão e o holandês apresentam ambos os processos, o que explica a ocorrência de pre- e posposições. Línguas românicas, como o português, satisfazem as exigências dos traços formais relevantes por meio do movimento de núcleo, sendo o fenômeno da contração entre a preposição e o artigo uma evidência morfofonológica dessa operação. Em línguas como o inglês, tais exigências não se aplicam, o que explica que a preposição possa ficar órfã, nos contextos de extração do sintagma interrogativo.

O presente estudo abordará o contraste entre o inglês, o holandês, o alemão e o português, considerados representativos dos grupos germânico e românico. Na análise, será adotada a teoria dos Princípios e Parâmetros, assumindo-se os pressupostos definidos no programa minimalista, como formulados em Chomsky (1995, 2001). O artigo se estrutura como a seguir: na seção 2, será apresentado o contraste translingüístico na extração do sintagma interrogativo em configurações pre- e posposicionais em línguas românicas e germânicas, bem como análises prévias desse fenômeno; na seção 3, será proposta uma análise minimalista para discutir os fatos observados; na seção 4, serão apresentadas as considerações finais.

2 Extração do sintagma interrogativo em configurações pre- e posposicionais em línguas românicas e germânicas

Conforme mencionado, um aspecto interessante da sintaxe da P(reposição) é a variação translingüística quanto à ocorrência de P-órfã (*P-stranding*) ou ao carreamento de P (*P-pied-piping*), nos contextos de extração de sintagma interrogativo (doravante, QU). Segundo Riemsdijk (1978), a ocorrência de P-órfã é uma opção marcada entre as línguas, cabendo indagar sobre a razão da escassez do fenômeno. Entre as línguas indo-européias, ocorre no grupo germânico: além do inglês, é encontrada nas línguas escandinavas e, de forma restrita, no holandês e no alemão.

Em línguas românicas, é obrigatório o carreamento de P com a palavra QU, conforme ilustrado em (1a) e (1b), respectivamente, do português:

- (1) a. *Quem Maria falou com/ *A pessoa que Maria falou com ...
 b. Com quem Maria falou/ A pessoa com quem Maria falou

Em inglês, são encontradas tanto a construção com a P-órfã, como aquela em que P é carreada, conforme ilustrado em (2a) e (2b), respectivamente:²

- (2) a. Who did Mary talk to/ The person (that) Maria talked to
 b. To whom did Mary talk/ The person to whom Mary talked

No holandês (e no alemão), a ocorrência de P-órfã apresenta características especiais, já que é restrita a construções em que o complemento de P é um pronome do tipo-R' – assim rotulado porque a maioria dos pronomes dessa classe apresenta a letra 'r': *er* (pronome neutro), *daar* (ali), *hier* (aqui), *ergens* (em algum lugar), *nergens* (em nenhum lugar), *waar* (onde), *overal* (em todo lugar) (cf. Van Riemsdijk 1978).³

- (3) a. Waar heb jij dat boekje op gelegd
 Where have you that book on put
 'Onde você pôs aquele livro?'
 b. *Welke tafel heb je dat boekje op gelegd
 Which table have you that book on put
 'Em que mesa você pôs aquele livro?'

O problema de definir as condições licenciadoras das construções com P-órfã (em oposição àquelas em que P é carreada obrigatoriamente) tem sido amplamente discutido na literatura gerativa (cf. Riemsdijk 1978; Hornstein & Weinberg 1981; Kayne 1984; Salles 1995, 1997, 2001; Radford 1997; Law 1997, entre outros).

² A construção com P-órfã é ainda encontrada em inglês nas chamadas pseudo-passivas, o que é ilustrado por *Mary was talked to*.

³ As considerações relativas ao holandês se aplicam ao alemão. A denominação pronome R é, porém, restrita ao holandês, por se apoiar na grafia dos pronomes nessa língua.

⁴ Algumas construções em holandês (e alemão) parecem admitir um tipo de P-stranding em contextos que não envolvem pronomes R, cf. (i), extraído de Law (1998: 222):

(i) Ik geloof dat Jan [de boom], gisteren [_{NP} t_i in] is geklommen

Eu penso que Jan a árvore ontem em subiu

Observe-se que a extração em (i) envolve *scrambling*, um fenômeno do holandês (e do alemão) que desloca o constituinte para fora do VP. Tais casos não serão discutidos na presente análise.

O estudo de Kayne (1984) mostrou-se muito influente. Adotando a idéia de reanálise entre o V(erbo) e P, desenvolvida em Hornstein & Weinberg (1981), para explicar a possibilidade de deixar P órfã, Kayne (1984) propõe que a mesma seja formulada não em termos de reanálise de constituintes, mas em termos das propriedades de regência dos elementos envolvidos. Dada a relação negativa entre controle e regência, Kayne observa que a presença do complementador preposicional nas construções de controle em francês (*Jean a essayé de parler* - João tentou falar) indica que P, nessa língua, não rege apropriadamente (ou estruturalmente) os elementos contidos em sua projeção⁵. Em inglês, ao contrário, P é um regente apropriado, sendo impossível um complementador preposicional em construções de controle (cf. *John tried (*for) to talk*).

Com base nessa distinção, Kayne propõe que a regra de reanálise está condicionada aos elementos possuírem propriedades idênticas de regência: sendo P, em inglês, um regente apropriado, exatamente como V, é possível a reanálise entre V e P, o que permite que P fique órfã em contextos de extração. Em francês, e por extensão nas línguas românicas, não sendo P um regente apropriado, a reanálise entre V e P não é possível, daí a inexistência de construções com P-órfã nessa língua.

Um problema com a análise de Kayne é que a própria noção de reanálise entre V e P tem sido questionada: conforme destacado em Baltin & Postal (1996), existe uma assimetria no comportamento sintático do DP objeto e do PP objeto (notada em Ross (1967)).⁶ Conforme ilustrado em (4), o DP na posição de objeto de V, mas não na posição de objeto de P, pode sofrer deslocamento como DP pesado (*Heavy-NP shift*):

- (4) a. I discussed t_[the problems...] with Lorenzo the problems he was having ...
 b. *I argued with t_[the driver's...] about such problems the driver's union leader

A mesma assimetria é observada em construções envolvendo lacuna (*gapping*), ilustradas em (5):

- (5) a. Frank called Sandra and Arthur __ Louise
 b. Frank talked to Sandra and Arthur __ *(to) Louise

⁵ O Teorema de PRO estabelece que a categoria pronominal nula PRO na posição de sujeito de infinitivas não pode ser regida.

⁶ Adota-se a hipótese DP, segundo a qual NPs são projeções máximas de um núcleo funcional D, sendo D o locus da interpretação referencial do NP.

Outro problema é que a noção de *regência apropriada* não é motivada, considerando-se que é um conceito essencialmente estrutural. Do ponto de vista minimalista, questiona-se a própria noção de regência, considerada conceitualmente desnecessária, já que inclui a relação estrutural entre um núcleo X e o especificador do sintagma (imediatamente) encaixado – X [_{VP} ZP [Y...]]. A idéia é que essa noção foge ao escopo das relações obtidas a partir da operação do sistema computacional, que cria objetos sintáticos a partir de dois elementos (ou de objetos sintáticos já formados), a saber a relação núcleo-complemento (*head-complement*) e especificador-núcleo (*spec-head*) (cf. seção 3.1). Além disso, a análise de Kayne não inclui o caso restrito de P-órfã do holandês e do alemão.⁷

Na próxima seção, será formulada uma análise para esses fatos, em que será considerado ainda o caso do holandês e do alemão.

3 Uma abordagem minimalista das construções com P-órfã

Conforme apontado, a hipótese de se discutir o fenômeno da ocorrência da P-órfã em termos da reanálise entre V e P enfrenta problemas empíricos (visto não haver evidência da referida reanálise em outros contextos) e conceituais (dado que o conceito de reanálise se formula em termos da noção de regência (apropriada), considerada desnecessária em termos minimalistas). Além disso, geralmente, são ignorados os casos restritos de P-órfã em holandês e alemão. Na presente seção, será proposta uma análise para a variação translingüística quanto à ocorrência da P-órfã, assumindo-se os pressupostos do programa minimalista de investigação lingüística. Para tanto, será feita uma apresentação sucinta desses pressupostos, a que se seguirá a análise propriamente dita dos fatos relevantes.

3.1 O programa minimalista

O programa minimalista de investigação lingüística parte da hipótese de que o ser humano é dotado da faculdade de linguagem, uma estrutura cognitiva da mente, geneticamente determinada e especializada para essa capacidade. A faculdade de linguagem assim concebida é o objeto de estudo da gramática gerativa, que busca tornar explícitos os princípios que caracterizam esse componente da mente humana, a gramática universal.

⁷ Um estudo das construções com P-órfã em holandês e alemão é apresentado em Riemsdijk (1978). Postula-se que tais línguas apresentam uma posição de fuga (*escape-hatch*) na projeção do PP, que permite a extração do sintagma QU. A idéia de Riemsdijk (1978) será retomada posteriormente.

Na abordagem teórica dos Princípios e Parâmetros, postula-se que a gramática universal é um conjunto de princípios altamente restritos, com um conjunto de opções sobre sua aplicação – os parâmetros. Os valores dos parâmetros, são por sua vez, especificados ou fixados no processo de aquisição da linguagem. Uma seleção Σ entre as opções disponíveis determina uma língua particular, ou seja, uma língua particular é um exemplo do estado inicial do sistema cognitivo da faculdade de linguagem com as opções paramétricas especificadas (Chomsky 1995: 219).

Em seu formato minimalista, a teoria estabelece que uma língua consiste de dois componentes: o léxico e o sistema computacional. A derivação de uma expressão lingüística implica uma escolha no léxico e um procedimento gerativo que constrói objetos sintáticos como pares (π, λ) , interpretados nos níveis de interface, o articulatório-perceptual e o conceptual-intencional, como instruções para os sistemas de desempenho nos quais a língua está inserida. Os elementos λ e π correspondem, por sua vez, a representações na Forma Lógica e na Forma Fonética.

Uma expressão lingüística é, portanto, um objeto formal que satisfaz condições de ambas as interfaces, dado o princípio de Interpretação Plena, segundo o qual todos os elementos da expressão lingüística devem receber uma interpretação. Nesse sentido, os níveis de interface nada mais são do que o rearranjo das propriedades dos itens do léxico, dispensando-se níveis intermediários de representação e excluindo-se qualquer traço além daqueles interpretados na interface, caracterizados como propriedades de som e significado (*inclusividade*).

Assim, dado um conjunto de escolhas lexicais, uma *numeração*, as operações do sistema computacional constroem objetos sintáticos recursivamente, a partir desses elementos e de objetos sintáticos já formados. Conforme proposto em Chomsky (2001), esse processo envolve as operações *Selecionar*, *Fundir* e *Concordar*, que funcionam como a seguir:

1. A operação *Selecionar* seleciona itens do léxico – por exemplo, *em* e *Brasília* –, os quais são constituídos de traços semânticos, fonológicos e formais e passam a compor uma *numeração*.
2. A operação *Fundir* (doravante *Merge*) forma um objeto sintático L, uma operação binária assimétrica – um dos constituintes projeta-se, tornando-se o núcleo e atribuindo a L um rótulo: L = {em {em, Brasília}}.

3. A operação *Concordar* (doravante *Agree*) estabelece uma combinação entre os traços formais de um item lexical e um traço formal F não-interpretável, em algum domínio de busca, o que valida o traço não-interpretável, garantindo sua interpretação na interface relevante.

Distingue-se a operação *Merge* pura, exigida de (e restrita a) argumentos, da operação *Merge* interna, desencadeada por um traço formal não-interpretável, que é validado por meio do movimento de um elemento α , de um objeto sintático L já formado, para K (também constituído como objeto sintático), do que resulta uma seqüência de ocorrências de α .

A operação *Agree* constitui assim um mecanismo de checagem ou combinação de traços formais, uma propriedade central do sistema computacional (uma exigência do formato), que assegura que os elementos lexicais ocupem as posições apropriadas na cadeia da fala e que os traços formais não-interpretáveis sejam validados, conforme requerido pelo princípio de Interpretação Plena. Na presença de traços formais não-interpretáveis, a expressão linguística não converge (ou desmonta).

Com esses fundamentos, será discutido o problema da variação na ocorrência de P-órfã nos grupos românico e germânico.

3.2 A variação na ocorrência de P-órfã

Considerem-se novamente os dados em (1b) e (2a-b), repetidos a seguir:

- (6) Com quem Maria falou?
 (7) a. Who did Mary talk to?
 b. To whom did Mary talk?

Em termos minimalistas, pode-se dizer que tanto em português como em inglês, a categoria C, que codifica o traço do tipo frasal interrogativo (QU), possui o traço EPP. Originalmente associado ao princípio de que toda oração tem um sujeito (*Extended Projection Principle*), o EPP é um traço formal não-interpretável (assim como os traços fonológicos e os traços *phi* de T). A presença de EPP em uma dada categoria funcional está sob variação e sua eliminação é feita por deslocamento de categoria, mais especificamente pela realização da posição de especificador por um objeto sintático XP. Disso decorre o movimento na sintaxe aberta do sintagma QU para a posição de especificador de CP (compare-se com o chinês, em que a palavra QU permanece *in situ*).

A diferença entre o português e o inglês é que em português, nessa operação, em uma configuração introduzida por P, o sintagma QU carrega obrigatoriamente P, uma propriedade de português, em oposição ao inglês, em que o material preposicional é carregado opcionalmente (isto é, pode ser deixado *in situ*). Isso está ilustrado em (8):

- (8) a. [_{CP} com quem [_{VP} Maria falou [_{VP} ... [_{PP} com [_{DP} quem]]]]]
 b. [_{CP} (to) whom did [_{VP} Mary did [_{VP} talk [_{PP} (to) [_{DP} whom]]]]]

A questão que se coloca então é que propriedades levam ao carregamento obrigatório do material extra. Nesse sentido, deslocase o foco da relação entre V e P para a relação entre P e D. Note-se que a explicação em termos da reanálise entre V e P não considera essa questão, respondendo somente à pergunta por que P pode ficar órfã.

Com essa mudança de perspectiva, assume-se, seguindo Salles (1997), que o carregamento obrigatório de P se explica em termos da relação entre P e D dentro de PP. Essa proposta se apóia na observação de que, nesse contexto, as línguas românicas apresentam o fenômeno da contração entre P e o artigo, obrigatória quando o artigo é definido, conforme ilustrado em (9), do português, e (10), do francês⁵:

- (9) a. a necessidade da/ *de a criança
 b. o interesse no / *em o assunto
 c. a volta aos/ *a os estudos
 (10) a. le besoin des/ *de les enfants
 b. l'intêret au/ *à le sujet
 c. le retour aux/ *à les études

É interessante notar que a contração também se manifesta entre P e a palavra QU, conforme ilustrado em (11) e (12), do português e do francês, respectivamente:

- (11) a. Onde vem Pedro?
 b. Aonde vai Pedro?
 (12) a. D'où vient Pierre?
 b. Pourquoi vient-il?

⁵ A idéia de considerar a contração entre a preposição e o artigo na discussão do fenômeno da P-órfã é explorada independentemente em Law (1998). Como essa análise é posterior à formulada em Salles (1995, 1997) e apresenta muitas semelhanças na argumentação, não será explicitada no presente estudo.

Nesse sentido, propõe-se que a contração [P+art] é a expressão morfofonológica da formação de um núcleo complexo [P+D] na sintaxe, sendo a exigência do carregamento de P um efeito sintático da formação desse núcleo. O caráter sintático de [P+D] se confirma com outros dados do português: em construções infinitivas introduzidas por P (com sujeito lexical licenciado pela flexão do infinitivo), a contração [P+art] não ocorre (ou não é obrigatória), conforme ilustrado em (13a-b), o que demonstra que [P+D] requer c-comando:

- (13) a. A necessidade de as crianças brincarem é inegável.
 b. $[_{pp} P [\dots [_{DP} DP [_{I} I [_{VP} \dots]]]]]$ *

A correlação se mantém no alemão e no holandês, que, como já apontado, apresentam um tipo restrito de P-órfã, sendo encontrada a contração [P+art] e [P+QU], conforme ilustrado, respectivamente, em (14) e (15), do alemão, e (16) e (17), do holandês:

- (14) das Interesse am /an dem Thema
 o interesse em-Art(igo) /em Art tema
 'o interesse no tema'
- (15) womit schneidet Heike das Brot?
 que-com corta Heike o pão
 'com que Heike corta o pão'
- (16) in het / in't huis
 em Art / em-Art casa
 'na casa'
- (17) wanijdt Marjon het vlees?
 que-com corta Marjon a carne
 'com que Marjon corta a carne'

Inversamente, em inglês e nas línguas escandinavas, não existe a contração [P+art], e ocorre a construção P-órfã. Essas correlações estão ilustradas no quadro a seguir:

* Figueiredo Silva (1994) motiva a posição da preposição por meio do contraste em (i) abaixo. Assumindo que o Caso atribuído abaixo sob regência exige adjacência linear, demonstra que a interpolação do adverbial entre P e o DP não é possível se P atribui Caso (oblíquo) ao DP; inversamente, se o DP não recebe Caso de P (sendo nominativo), a interpolação é possível:

- (i) a. Ele deu o livro pra (amanhã) eu levar
 b. *Ele deu o livro pra (amanhã) mim levar

A noção de adjacência pode ser discutida em termos da formação do núcleo complexo [P+D]. Na próxima seção, será proposto que o núcleo complexo é formado pela operação *Agree* (cf. Chomsky (1999)), que licencia traços formais de Caso.

	+/- P-órfã	+/-contração [P+art/QU]
Românicas	-	+
Alemão	-	+
Holandês	-	+
Inglês	+	-
Escandinavas	+	-

Na próxima seção, será explorada a idéia de que o complexo sintático [P+D] é formado no contexto da operação *Agree* (cf. seção 3.1). Na discussão, serão considerados os casos restritos de P-órfã do alemão e do holandês.

3.3 A contração [P+art] como uma manifestação da operação *Agree*

Considerando o caráter sintático da contração [P+art], argumenta-se, na presente seção, que o núcleo complexo [P+D] realiza uma versão da operação *Agree* (cf. Salles, 2001). A operação *Agree* se define como uma combinação entre traços *phi* não-interpretáveis na projeção estendida de um núcleo lexical (*sonda/probe*) e traços-*phi* interpretáveis de um núcleo nominal (*alvo/goal*), em um domínio de busca, validando-se concomitantemente o traço de Caso não-interpretável do *alvo*.¹⁰ Dado o princípio de que traços não-interpretáveis tornam o *alvo* ativo, assume-se que o traço não-interpretável de Caso habilita o sintagma *alvo* a satisfazer EPP e *Merge*. *Agree* elimina, portanto, traços não-interpretáveis (e.g. os traços *phi* de T e o traço EPP de T), não tolerados nas interfaces conceptual-intencional ou articulatório-perceptual. Traços interpretáveis (e.g. traços *phi* de N) são, por sua vez, acessíveis durante toda a derivação (Chomsky 2001).

A idéia de propor a operação *Agree* no âmbito da projeção PP se apóia na constatação de que existem preposições flexionadas, particularmente na família celta. Em galês, por exemplo, P recebe sufixo de pessoa e número sempre que seu complemento é expresso por uma forma pronominal livre, conforme ilustrado em (18) - [gan 'com' + sufixo número-pessoal] + forma pronominal livre:

¹⁰ As operações requerem, portanto, um *goal* que seja tanto local quanto ativo. O domínio de busca se define pelo princípio de intervenção defectiva: na seqüência, $\alpha > \beta > \Gamma$, se β e Γ combinam com o *probe* α , e β é inativo, então os efeitos da combinação são bloqueados (Chomsky, 2001).

- (18) a. gennyf fi (1ps)
 b. gennyt ti (2ps)
 c. ganddo fo (3ps)
 d. ganddyn nhw (3ppl)

Dada a correspondência entre Caso e concordância, postula-se uma projeção em camada para P, uma *PP shell*, em que um núcleo funcional *p*, com traços *phi* não-interpretáveis, seleciona a projeção máxima do núcleo lexical P:¹¹

- (19) ... [_{PP} P_{phi} [_{PP} P DP]]

Pela operação *Agree* na projeção PP, os traços *phi* não-interpretáveis de *p* entram em combinação com os traços *phi* interpretáveis do nome na posição de objeto de P, sendo validados, uma operação que valida ainda o traço de Caso do nome, atribuindo-lhe, por hipótese, o Caso objetivo.¹² Essa operação se manifesta de forma combinada com a presença do traço EPP na categoria *p*, uma opção paramétrica.

Assim, propõe-se que o traço EPP é encontrado na projeção PP de línguas românicas, bem como no holandês e no alemão, sendo satisfeito de duas formas:

- (i) pelo movimento de D para *p* (através de P), expresso na contração [P+art], sempre que as condições morfofonológicas o permitirem, conforme ilustrado em (20):¹³

- (20) [_{PP} P+P+D_{na} [_{PP} P_{em} + Θ_s [Θ_s NP]]]

- (ii) pelo movimento de DP para *specP* (através de *specP*), produzindo uma configuração posposicional, encontrada em alemão e em holandês, conforme ilustrado em (21) – *Jan springt in de sloot/ de sloot in* 'Jan pulou no lago':¹⁴

- (21) [_{PP} DP_{de sloot} [_P p [_{PP} ΘP [_P P_{in} [ΘP _{de sloot}]]]]

¹¹ A idéia de propor uma estrutura em camada para a projeção de P não é nova. Para uma versão, ver Koopman (1993).

¹² Uma questão é se essa análise exclui que seja atribuído o Caso inerente (no contexto de atribuição de papel temático do núcleo P (lexical)). Deixo essa questão em aberto, mas ressalto a superposição em contextos envolvendo o chamado *quirky Case*, em que um elemento que, supostamente, recebe Caso inerente participa de um processo de atribuição de Caso estrutural.

¹³ Outra forma de analisar seria considerar que o movimento de núcleo resulta de propriedades afixais de um dado núcleo, uma opção que tem sido adotada para os casos de movimento de V para T, por exemplo. Justifica-se tal análise pelo fato de que tal movimento não tem conseqüências para a interpretação ou para outros requisitos como ciclicidade, c-comando, etc. (Chomsky, 2001).

¹⁴ Um aspecto interessante da sintaxe de PP em alemão e holandês é que a escolha entre pre- e posposição pode ser determinada pela interpretação aspectual do predicado (a esse respeito, ver Helmantel (1997)).

Propõe-se que uma conseqüência sintática da operação de checagem do traço EPP por meio de (i) e (ii) é o carreamento de P em construções QU (cf. (1)): a checagem do traço EPP no domínio da operação *Agree* congela o sintagma na posição de complemento de P, impondo que, na extração QU, sejam carreadas todas as categorias envolvidas (*pied-piping* generalizado). Um correlato do processo em (i) é a presença de traços *phi* no artigo definido. O processo em (ii) implica que a língua apresente a ordem *núcleo-final* (*head-final*) em outros contextos (como OV). Na ausência de traços *phi* no artigo ou da ordem *núcleo-final* (*head-final*), configura-se a situação *default*, encontrada em inglês.

Cabe então indagar por que a preposição pode ficar órfã em construções com pronome R no holandês e no alemão. Um aspecto a se destacar é que os pronomes R sempre ocorrem em configurações posposicionais diferentemente de outros DPs locativos, que são preposicionais, conforme ilustrado em (22):

- (22) a. *de tafel op/ *het op/ er op
 a mesa sobre/ esta sobre/ Pronome-R sobre
 b. op de tafel/ op het/ op *er
 sobre a mesa/ sobre esta/ sobre Pronome-R
 (holandês, exemplos de Koopman (1993:6))

Outro aspecto relevante é que os pronomes R são defectivos quanto aos traços *phi*: sendo locativos (ou neutros), apresentam somente o traço de pessoa. Dessa forma, *Agree* opera com um feixe incompleto de traços *phi*. Pode-se então dizer que, dado o caráter defectivo da operação, o pronome R não fica congelado no contexto de *Agree* e da checagem do traço EPP, o que permite que se desloque para satisfazer o traço EPP de C (sem carrear a preposição).¹⁵ Retomando idéia de Riemsdijk (1978), segundo a qual a posição de especificador da projeção PP é uma posição de fuga (*escape-hatch*), propõe-se que a configuração posposicional é uma condição necessária, mas não suficiente, para a 'fuga', estando associada ainda a que a operação *Agree* seja defectiva. O caso restrito de P-órfã em holandês e alemão decorre, portanto, da combinação de dois requisitos: configuração posposicional (obrigatória) e feixe defectivo de traços *phi* no pronome R objeto de P.

¹⁵ Compare-se com (i) abaixo, em que o T infinitivo, sendo defectivo quanto aos traços *phi*, não valida o traço de Caso do XP (*Mary*), o que mantém o XP ativo para combinar-se com o núcleo funcional T da matriz:

(i) Mary seems [_{TP} Mary [to [*Mary* be happy]]]

4 Considerações finais

O estudo discutiu alguns aspectos da sintaxe de pre- e posposições, considerando, em particular, a variação translingüística quanto à possibilidade de deixar a preposição órfã, observada em inglês, em oposição ao carreamento obrigatório da preposição, observado em línguas românicas e, com restrições, no holandês e no alemão. Postulou-se que a variação se explica em termos de operações do sistema computacional, em particular o *Merge interno*, que elimina o traço formal EPP, em combinação com a operação *Agree*, que valida traços *phi* não-interpretáveis na projeção estendida da preposição, bem como o traço de Caso do nome na posição de complemento de P.

Propôs-se que a operação que elimina o traço EPP (*Merge interno*) realiza-se de duas formas: seja por movimento do sintagma DP na posição de complemento P para a posição de especificador na projeção PP, o que no alemão e no holandês produz a configuração posposicional; seja por movimento do núcleo D na posição de complemento de P, o que em línguas românicas, no alemão e no holandês apresenta um correlato morfofonológico, que é a contração entre a preposição e o artigo ou a palavra interrogativa, sempre que as condições fonológicas o permitirem. Os casos restritos de preposição órfã em alemão e holandês com pronomes R foram explicados em termos da manifestação concomitante de dois fatores: a ocorrência obrigatória desses pronomes em configuração posposicional, que oferece a posição de fuga para o pronome R interrogativo, e os traços *phi* (defectivos) dos pronomes R, de que resulta uma operação *Agree* defectiva, que permite o deslocamento do sintagma complemento.

Nesse sentido, a variação translingüística se explica em termos de propriedades formais das categorias envolvidas e operações do sistema computacional, um resultado desejável em termos minimalistas. Um ponto que suscita estudo mais aprofundado é por que pronomes R sempre ocorrem em configurações posposicionais e como esse fato se relaciona com a posição de fuga do sintagma interrogativo na projeção do sintagma preposicional. Um caminho de investigação é o estudo da ordem linear e sua relação com a estrutura sintagmática, a qual vem sendo discutida como uma opção paramétrica no que se refere à colocação do núcleo em relação ao complemento, ou em termos da hipótese de uma ordem universal fixa, com as variações translingüísticas explicadas por movimento (cf. Kayne (1994)).

Nesse aspecto, línguas como o holandês e o alemão mostram-se particularmente interessantes, pois apresentam tanto preposições como posposições, sendo a presente análise uma contribuição para o estudo desses fatos.

Referências

- Baltin, M. & P. Postal (1996) More on reanalysis hypotheses. *Linguistic Inquiry* 27, 127-145.
- Chomsky, N. (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge (EUA): MIT Press.
- . (1986) *Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger.
- . (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge (EUA): MIT Press.
- . (2001) Derivation by phase. Em M. Kenstowicz, ed., *Ken Hale – A Life in Language*, 1-52. Cambridge (EUA): MIT Press.
- Helmantel, M. (1997) *Aspect and adpositions: the point of view of Dutch and German*. Ms., University of Leiden.
- Hornstein, N. and A. Weinberg (1981) Case theory and preposition stranding. *Linguistic Inquiry* 12, 55-92.
- Jackendoff, R. (1990) *Semantic Structure*. Cambridge (EUA): MIT Press.
- Kayne, R. (1984) *Connectedness and Binary Branching*. Foris: Dordrecht.
- . (1994) *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Koopman, H. (1993) The structure of Dutch PPs. Ms., UCLA.
- Law, P. (1998) A unified analysis of P-stranding in Romance and Germanic. Em N. Pius & T. K. Kusumoto, eds., *NELS* 28, 219-234.
- Radford, A. (1997) *Syntactic Theory and the Structure of English*. Cambridge (Inglaterra): Cambridge University Press.
- Riemsdijk, H. van (1978) *A Case Study in Syntactic Markedness – the Binding Nature of Prepositional Phrases*. Foris: Dordrecht.
- Salles, H. M.-L. (1992) *Preposições Essenciais do Português – um Estudo Preliminar*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- . (1995) Preposition pied-piping and preposition stranding: a minimalist approach. *Research Papers in Linguistics* 6, 97-123, University of Wales.
- . (1997) *Prepositions and the Syntax of Complementation*. Tese de doutorado, University of Wales.
- . (2001) Aspectos da sintaxe de clíticos e artigos em português. *Letras* 56, 177-191, Universidade Federal do Paraná.
- Figueiredo Silva, M. C. (1996) *A Posição do Sujeito no Português Brasileiro: Frases Finitas e Infinitivas*. Campinas: Editora da UNICAMP.